

AS CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM TEÓRICA DA RESILIÊNCIA PARA O ESTUDO DE ÁREAS RURAIS

Rudinei kock Exterckoter

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Professor Mestre do Instituto Federal Catarinense – Campus Concórdia – rudinei.exterckoter@ifc-concordia.edu.br.

Clécio Azevedo da Silva

Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina - clecio@cfh.ufsc.br

RESUMO

O conceito de resiliência aplicado ao desenvolvimento regional tem ganhado força nos últimos anos, resultando em um expressivo aumento no número de trabalhos científicos produzidos. Estes trabalhos têm despendido grande esforço na lapidação conceitual e metodológica desta abordagem, onde já se identifica mudanças no foco dos estudos. Se em uma primeira fase, entre os anos de 2007 a 2010, os trabalhos tinham as regiões como sistema principal, a partir de 2010 o foco passa a ser em sistemas menores e mais fáceis de delimitar, tais como, áreas urbanas e cidades. Chama atenção também, nesta mudança de foco, que começam a surgir, embora ainda de maneira frágil, trabalhos que tratam dos sistemas rurais, sob a terminologia “Resiliência Rural”. Diante disso, este trabalho se propõe a trazer um panorama geral de como a resiliência vem sendo discutida no campo dos estudos rurais. Como estratégia metodológica, foi realizada uma busca sistemática na base de dados *Scopus*, com o termo “*Rural resilience*”, simultaneamente pesquisado no título (*title*), no resumo (*abstract*) e nas palavras-chaves (*Key Words*), de documentos no formato de artigo (*journal article*), para todos os anos com dados disponíveis até novembro de 2014. Como isso, encontramos um total de oito trabalhos. A principal justificativa para o número reduzido de trabalhos é decorrente de que a discussão sobre resiliência no desenvolvimento regional é muito recente (ganha força a partir de 2008), e ainda mais recente é o uso do termo “Resiliência Rural”, o qual foi utilizado pela primeira vez em 2011. Observa-se o predomínio de países europeus, em especial da Inglaterra e, conseqüentemente, da língua inglesa. Outra informação importante é que, até o momento, as publicações ocorreram somente em revistas inglesas. O fator língua e a importância deste país para o desenvolvimento desta abordagem acabam por criar uma maior atratividade para trabalhos sobre resiliência rural de outras partes do mundo neste primeiro momento. No que se refere ao conteúdo dos artigos, em geral, estes estão preocupados em compreender os efeitos que o processo de globalização causa nas comunidades rurais e, também, como estas têm reagido e se adaptado a estes novos contextos. Aparentemente, a resiliência poderia ser um elemento chave nas dinâmicas locais presentes nas comunidades rurais familiares e, como tal, estar contribuindo para que estas comunidades construam diferentes estratégias de reprodução social, respondendo de forma criativa às crises e às perturbações geradas num mundo globalizado.

Palavras-chave: Resiliência rural, Desenvolvimento regional, Agricultura familiar.

1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre desenvolvimento regional (DR) vão ao encontro das teorias que buscam explicar as relações entre economia e espaço. Estas teorias acompanharam as transformações estruturais da economia, mudaram e evoluíram consideravelmente ao longo do tempo. Neste processo novas teorias foram criadas e lapidadas, dentre as quais, a mais recente a despertar forte interesse dos pesquisadores é a de “resiliência”. Isto ocorre, em especial, pelas contribuições desta abordagem para o entendimento de como as regiões conseguem se adaptar e suportar as múltiplas crises sem colapsar. Assim, Hill et al. (2008) definem a resiliência como a capacidade de uma região para recuperar-se com êxito de choques (perturbações) na economia que ameaça jogá-la fora de seu caminho de crescimento. Já, Hopkins (2008) e Hudson (2009) conceituam resiliência como a capacidade de um sistema para absorver perturbações e reorganizar-se enquanto passa por uma mudança, de modo a ainda manter basicamente a mesma estrutura, função e *feedbacks*. Ou ainda, Ashby et al. (2009) que conceituam resiliência como a capacidade da região experimentar o sucesso econômico que seja socialmente inclusivo, que trabalhe dentro dos limites ambientais e que possa promover saltos econômicos. Esta nova abordagem teórica tem influenciado no debate sobre o desenvolvimento regional, fazendo com que o mesmo deixe de centrar-se exclusivamente no crescimento econômico. O protagonismo alcançado pela resiliência ocorre também em virtude de ser considerada uma abordagem mais sistêmica, que enfatiza e procura compreender o caráter mais amplo, mais qualitativo do desenvolvimento regional, em oposição ao desempenho econômico ou simplesmente ao crescimento.

Consequentemente, o interesse pelo tema tem gerado um grande número de trabalhos que procuram aprofundar o entendimento e a aplicação deste conceito na compreensão do processo de desenvolvimento (CHRISTOPHERSON et al., 2010; PIKE et al., 2010; SIMMIE e MARTIN, 2010; MÉNDEZ, 2012 e 2013; dentre outros). Estes trabalhos têm dispendido grande esforço na lapidação conceitual e metodológica desta abordagem. Neste processo de popularização, destaca-se o papel central exercido por pesquisadores europeus e norte americanos (EXTERCKOTER e SILVA, 2014). Foi nestes países que o então conceito de resiliência, muito conhecido das ciências ecológicas, foi levado e adaptado às ciências sociais. Este processo tem sido tão intenso que a resiliência, hoje, é considerada por muitos pesquisadores como uma noção que apresenta potencial para se consolidar como um conceito no escopo das teorias de desenvolvimento (HUDSON, 2009; PENDALL et al., 2009; CHRISTOPHERSON et al., 2010). Por outro lado, o fato de ser um conceito muito recente e em processo de lapidação, faz com que o mesmo ainda seja pouco conhecido e estudado na América Latina. São escassos os trabalhos que têm procurado incorporar este conceito para discutir as estratégias de desenvolvimento em curso nestes territórios, e ainda mais escassos quando se trata do espaço rural.

Diante disso, este trabalho se propõe a trazer um panorama geral de como a resiliência vem sendo discutida no campo dos estudos rurais. Neste sentido, cabe a hipótese de que a resiliência poderia ser um elemento chave para explicar as dinâmicas das áreas de predomínio da agricultura familiar, e como tal, viria a contribuir para que as comunidades rurais construam diferentes estratégias de reprodução social, respondendo de forma criativa a crises e perturbações geradas num mundo globalizado. Neste contexto, a resiliência também passa a ser entendida como um processo social dinâmico, determinado, em parte, pela capacidade das comunidades rurais em agir coletivamente e resolver problemas comuns (NORRIS et al., 2008, MAGIS, 2010; SMITH et al., 2012).

Como estratégia metodológica foi adotada a revisão sistemática, que consiste em um modelo de revisão que usa métodos rigorosos e explícitos para identificar, selecionar, coletar dados, analisar e descrever as contribuições relevantes para pesquisa desenvolvida. Desta forma, além da introdução e das considerações finais, o artigo apresenta mais dois tópicos: o primeiro trata da evolução conceitual pelo qual passou a noção de resiliência até o surgimento do termo “resiliência rural” na literatura especializada; e o segundo analisa e discute os artigos encontrados sobre resiliência rural, a fim de nortear o entendimento de como esta abordagem vem colaborando para

compreensão das dinâmicas de desenvolvimento presentes no espaço rural.

2. DA ORIGEM E EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE RESILIÊNCIA AO SURGIMENTO DO TERMO “RESILIÊNCIA RURAL”

O termo “resiliência” vem do latim “*resilire*” e significa "saltar para trás" (SIMMIE e MARTIN, 2010). Na ciência foi usado pela primeira vez em 1858 como uma noção da física aplicada a engenharia mecânica para designar a capacidade de um material para resistir à aplicação de uma força deformando-se sem se romper e voltando, posteriormente, à forma primitiva (ALEXANDER, 2013). Posteriormente, já na década de 1950, foi introduzido na psicologia, onde procurava descrever e interpretar as possíveis razões pelas quais indivíduos que enfrentam situações traumáticas semelhantes podem mostrar comportamentos distintos que afetam diretamente a sua capacidade de recuperação pós-trauma (MENDÉZ, 2012).

Mais recentemente a resiliência também alcançou as ciências ecológicas, através do trabalho pioneiro de Holling (1973), onde passou a ser usada para descrever a capacidade de certos sistemas ambientais e organismos para serem menos vulneráveis, ou para resistir e responder a condições adversas. O próximo passo foi a incorporação desta noção para os estudos dos sistemas sócio-ecológicos (WALKER et al. 2004). Neste novo contexto ganham força ideias como a de “resiliência social”, proposta por Adger (2000). A resiliência social é definida por Adger como a capacidade de um grupo ou comunidade de lidar e resistir a choques externos. O processo de evolução do conceito resultou também na sua incorporação na literatura sobre gestão de desastres, particularmente, no contexto do desenvolvimento de medidas para atender situações de emergência, inclusive desastres ambientais e ataques terroristas (COAFFEE et al., 2008).

Uma vez tendo alcançado as ciências sociais, este conceito passou a despertar o interesse, principalmente da economia e da geografia econômica, nas discussões ligadas ao desenvolvimento regional. Neste contexto, a resiliência refletia a capacidade de um sistema sócio-ecológico de absorver perturbações e reorganizar-se, enquanto está sujeito a forças de mudança, sendo capaz de manter o essencial das suas funções, estrutura, identidade e *feedbacks* (WALKER, et al., 2004; HOPKINS, 2008 e HUDSON, 2009).

O processo de migração do conceito de resiliência para o campo do desenvolvimento regional padeceu, a princípio, da influência positivista provinda das ciências ecológicas e da física, como já discutido em trabalhos como os de Bristow (2010), Simmie e Martin (2010), Pike et al. (2010), dentre outros. Tal influência é refletida no chamado “pensamento equilibrista”, onde a resistência à perturbação e a velocidade de retorno para o equilíbrio pré-existente são usadas para determinar a resiliência. A implicação deste pensamento é que, quanto mais resiliente é uma economia regional, menos irá mudar ao longo do tempo, mesmo em face de diversos choques. Assim, na melhor das hipóteses, essa visão renderia um modelo evolutivo baseado na manutenção da estrutura e da estabilidade regional.

Esta influência positivista vem se mesclando na atual reflexão da literatura especializada, com a busca por uma associação mais consistente como a ideia de adaptação. Para autores como Hudson (2009), Pendall et al. (2009), Christopherson et al. (2010), Pike et al. (2010), Simmie e Martin (2010), Santos (2009), dentre outros, a ligação de resiliência com a ideia de adaptação é muito mais rica e promissora para entender como as regiões respondem às perturbações e às crises ao logo de suas trajetórias de desenvolvimento. Afinal, empresas, organizações e instituições que compõem as economias regionais estão constantemente mudando e adaptando-se a seus ambientes econômicos. Ou seja, a resiliência de regiões, cidades ou comunidades rurais estaria ligada à capacidade de adaptação destas às grandes tendências evolutivas de cunho econômico, social, ambiental, político ou tecnológico.

Evidentemente, a migração do conceito de resiliência para o debate sobre o desenvolvimento regional e rural não está consolidada, já que este é um tema ainda muito novo nesses campos onde muitos trabalhos têm sido produzidos. Prova disso é a incorporação da ideia de transformação juntamente com a de adaptação. Neste sentido, uma região resiliente, além de promover ajuste na

sua trajetória de desenvolvimento através da adaptação, pode também se transformar, à medida que o sistema se torna muito inflexível e resistente à mudança (PENDALL et al., 2009; PIKE et al., 2010 e SIMMIE e MARTIN, 2010). A construção conceitual avança, portanto, na direção de um sistema adaptativo que se ajusta e responde, de maneira que se mantém em uma trajetória de desenvolvimento ou que, em último caso, se transforma, fazendo a transição para algo novo. É importante ressaltar que a ideia de transformação ainda carece de muita discussão e aprofundamento, e para muitos autores esta traz mais confusão do que clareza ao discurso.

Com isso, queremos também chamar a atenção para o fato de que o caminho percorrido pelos autores que se dedicam a adaptar e incorporar a noção de resiliência as diferentes áreas da ciência é repleto de tensões e conflitos. Contudo, uma vez superada esta efervescência inicial é natural que o novo conceito passe a ser lapidado pelos diferentes campos da ciência em que foram incorporados. Isto está ocorrendo com a resiliência nas ciências sociais. Este processo fica mais evidente ao analisarmos a Figura 01. Nesta figura estão presentes as diferentes terminologias usadas na bibliografia especializada na área do desenvolvimento regional.

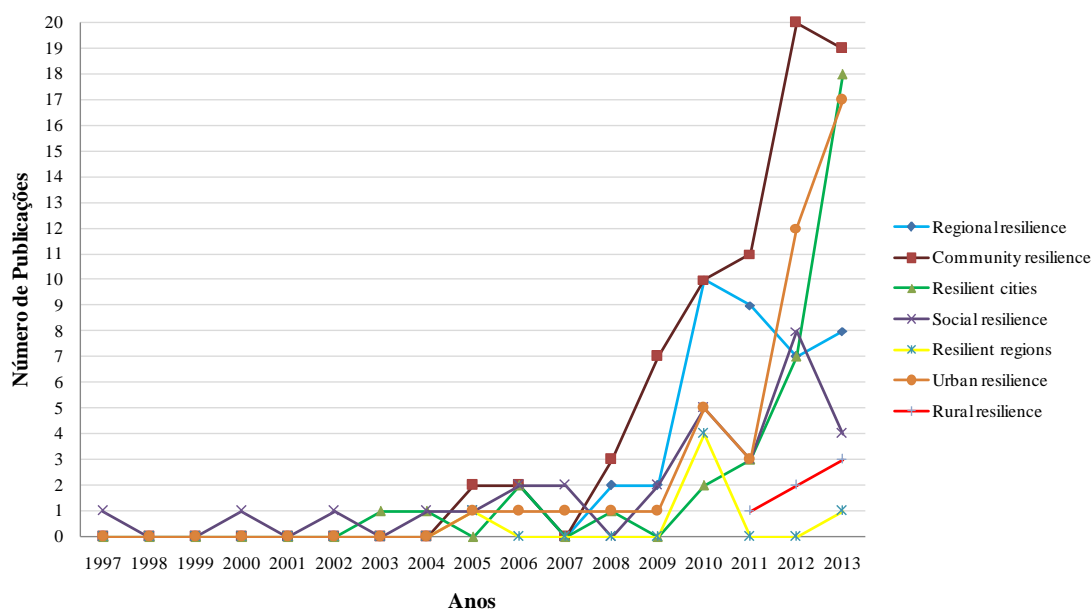


Figura 01: Apresenta em função do número de artigos e dos anos de publicação, as principais terminologias usadas no desenvolvimento teórico da resiliência na área do desenvolvimento regional. Fonte: Exterckoter e Silva (2014).

Os termos apresentados na Figura 01 se configuram nos mais representativos da resiliência na área do desenvolvimento regional (EXTERCKOTER e SILVA, 2014). Esta afirmação foi obtida por estes autores mediante o mapeamento da literatura. Os autores utilizaram duas fontes tradicionais de pesquisas científicas que apresentam relevante acervo na área das Ciências Sociais: “Scopus” e “Web of Knowledge”. Nas duas bases, procuraram pelos termos exposto na Figura 01, simultaneamente, em título (*title*), resumo (*abstract*) e palavras-chaves (*Key Words*), em documentos no formato de artigo (*journal article*). A partir do resultado desta busca os mesmos puderam caracterizar o desenvolvimento conceitual da resiliência dentro da área de desenvolvimento regional até o final do ano de 2013. É importante também salientar que para localizar quais eram os termos mais representativos da resiliência no desenvolvimento regional os autores realizaram ensaios testes na base de dados “Scopus” com os termos “resilience” e “regional development”. Com isso puderam localizar diversos trabalhos que permitiram identificar as terminologias mais usadas.

Uma análise mais cuidadosa da Figura 01 permite identificar o surgimento de terminologia específica para a abordagem da resiliência na área de desenvolvimento rural, denominada “Rural resilience”. Chama a atenção que este termo apareceu pela primeira vez na literatura em 2011, o

que caracteriza o aumento do interesse no estudo da resiliência nos espaços rurais e também que o mesmo encontra-se em pleno processo de construção e lapidação.

3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA QUE TRATA DA “RESILIÊNCIA RURAL”

Como vimos anteriormente, o tema da resiliência tem despertado, nos últimos anos, o interesse de muitos pesquisadores e, conseqüentemente, um grande número de trabalhos foram produzidos. Esses trabalhos, em maior ou menor grau, têm colaborado para o aprofundamento do entendimento de como este conceito pode ser útil na compreensão do processo de desenvolvimento que se materializam nos mais diferentes territórios. Segundo Exterckoter e Silva (2014), este processo já permite identificar mudanças no foco dos estudos. Se em uma primeira fase, entre os anos de 2007 a 2010, predominavam as regiões como sistema principal a ser estudado, a partir de 2010 o foco passa a serem os sistemas menores e mais fáceis de delimitar, tais como, áreas urbanas e cidades. Outro fator marcante é que nesta mudança de foco, também começam a surgir, embora ainda de maneira frágil, trabalhos que tratam dos sistemas rurais, sob a terminologia “Resiliência Rural”.

O surgimento deste termo marca a incorporação do conceito de resiliência dentre as teorias que procuram explicar as complexidades do mundo rural. Contudo, para se compreender como a resiliência vem sendo discutida nos sistemas rurais, necessitamos identificar e analisar os trabalhos publicados até o momento. Para tanto, como estratégia metodológica, foi realizada uma busca sistemática na base de dados “Scopus”, com o termo “*Rural resilience*”, simultaneamente pesquisado no título (*title*), no resumo (*abstract*) e nas palavras-chaves (*Key Words*), de documentos no formato de artigo (*jornal article*), para todos os anos com dados disponíveis até novembro de 2014. Os resultados desta busca encontram-se no Quadro 01.

Quadro 01: Artigos localizados sobre resiliência rural com os respectivos autores, ano e idioma de publicação, país de origem e título do trabalho.

Autores	Idioma	País	Título do Artigo
Franklin et al., (2011)	Inglês	Reino Unido	<i>Moving beyond the alternative: Sustainable communities, rural resilience and the mainstreaming of local food</i>
Glover (2012)	Inglês	Reino Unido	<i>Rural resilience through continued learning and innovation</i>
McManus et al., (2012)	Inglês	Austrália	<i>Rural community and rural resilience: What is important to farmers in keeping their country towns alive?</i>
Kasimis e Papadopoulos (2013)	Inglês	Grécia	<i>Rural transformations and family farming in contemporary Greece</i>
Paniagua (2013)	Inglês	Espanha	<i>Farmers in remote rural areas: The worth of permanence in the place</i>
Scott (2013)	Inglês	Reino Unido	<i>Resilience: A conceptual lens for rural studies?</i>
Harvey (2014)	Inglês	Austrália	<i>Exploring women's experiences of health and well-being in remote Northwest Queensland, Australia</i>
Steiner e Atterton (2014)	Inglês	Reino Unido	<i>The contribution of rural businesses to community resilience</i>

Como vemos no Quadro 01, esta busca permitiu encontrar um total de oito trabalhos. A principal justificativa para este número é decorrente de que o termo “*Rural resilience*” aparece pela

primeira vez em artigos científicos em 2011, ou seja, é a discussão mais recente dentre as presentes no campo da resiliência aplicada ao desenvolvimento regional. É evidente que o número pequeno de publicações não permite que as análises sejam conclusivas, mas mesmo assim, fornecem indicativos importantes de como, onde e quem vem trabalhando com a mesma. Por hora, podemos observar que existe o predomínio de países europeus nas publicações, com destaque para o Reino Unido e, conseqüentemente, para a língua inglesa. Isto já tinha sido observado por Janssen et al. (2007), neste caso para resiliência de um modo mais geral, aplicada a diferentes áreas e, também, por Exterckoter e Silva (2014) onde o foco foi a resiliência na área do desenvolvimento regional. Outra observação importante é que, até o momento, as publicações ocorreram somente em revistas inglesas. O fator língua e a importância deste país para o desenvolvimento desta abordagem teórica acabam por criar uma maior atratividade para trabalhos sobre resiliência rural de outras partes do mundo. Dentre as revistas inglesas o maior destaque fica por conta da revista “*Local Economy*”, que publicou até o momento dois artigos sobre resiliência rural.

É interessante também observar que, se por um lado, o número de trabalhos que tratam de resiliência rural ainda seja pequeno, por outro lado, observa-se um aumento a cada ano, exceção feita a 2014. Isto porque até novembro do referido ano tinham sido publicados apenas dois artigos, embora esse número possa aumentar, afinal, ainda resta o mês de dezembro. Além disso, o crescente interesse pelo tema, também pode ser confirmado por iniciativas como a da revista espanhola AGER (Revista de Estudos do Despovoamento e do Desenvolvimento Rural) que recentemente realizou uma chamada de artigos para uma publicação especial que será lançada em 2015 e tratará exclusivamente da resiliência das comunidades rurais. Já a análise mais detalhada de cada artigo localizado encontra-se no tópico a seguir.

3.1 Análise dos artigos que usam o termo “Resiliencia rural”

Cada artigo apresenta particularidades que demandam um olhar cuidadoso. Por isso, iremos analisar individualmente cada um destes trabalhos, a fim de trazer à luz elementos que corroborem para o entendimento de como a resiliência vem sendo discutida no campo dos estudos rurais.

1 - Franklin et al., (2011): Estes autores são vinculados a “*Cardiff University*” no Reino Unido e publicaram o artigo denominado “*Moving beyond the alternative: Sustainable communities, rural resilience and the mainstreaming of local food*”, na revista inglesa “*Local Environment*”. Até o momento (novembro de 2014) este artigo foi citado¹ por outras nove publicações, sendo que, o principal mérito do mesmo é a introdução do termo “*Rural Resilience*”. O termo em questão aparece logo no título do artigo e traz importantes contribuições para enriquecer a discussão central do trabalho, que está ligada à ideia de comunidades sustentáveis. A metodologia usada é a de estudo de caso e tem como foco uma iniciativa alimentar comunitária em Stroud, no Reino Unido. Basicamente, o artigo explora as tensões que surgem entre os três aspectos fundamentais da sustentabilidade - o social, o ambiental e o econômico - quando eles são reunidos em um nível de comunidade. Como resultado principal os autores destacam as dificuldades encontradas pelas iniciativas locais em operar em toda a gama de grupos sociais e, ao mesmo tempo, as dificuldades de superar diferenças culturais sobre o valor da comida local. Eles também levantam questões importantes sobre as geografias sociais da resiliência que as iniciativas de sustentabilidade da comunidade são capazes de suportar.

2 - Glover (2012): Este autor é vinculado a “*Loughborough University*” no Reino Unido, e publicou o artigo denominado “*Rural resilience through continued learning and innovation*”, na revista inglesa “*Local Economy*”. É um trabalho interessante, embora, até o momento só tenha sido citado por um outro trabalho. O artigo trata da importância das pequenas empresas rurais para a resiliência

¹ O número de citações neste trabalho é calculado com base no número de vezes que o artigo é citado por outros diferentes artigos indexados à base *Scopus*. Ou seja, não considera as revistas não indexadas e os eventos (congressos, seminários, colóquios, entre outros). Este mesmo método também se aplica para o cálculo do número de citações dos demais trabalhos aqui analisados.

dos territórios onde atuam. Destaca a aprendizagem, a inovação e a adaptação como peças-chaves para discutir resiliência rural. Como estratégia metodológica, usa o estudo de caso para analisar 10 pequenas empresas no espaço rural da Inglaterra. Os resultados indicam que as pequenas empresas rurais estudadas têm encontrado formas de superar as adversidades, e assim, também contribuem para a criação de resiliência nas regiões rurais onde atuam. O autor ainda aponta para a necessidade de novas pesquisas a fim de avançar, especialmente, no entendimento das ligações entre a aprendizagem, a inovação e a capacidade de resiliência de pequenas empresas rurais.

3 - McManus et al., (2012): Estes autores são vinculados a cinco diferentes universidades australianas e publicaram o artigo denominado “*Rural community and rural resilience: What is important to farmers in keeping their country towns alive?*”, na revista inglesa “*Journal of Rural Studies*”. Até o momento (novembro de 2014) este artigo já foi citado por outras 25 publicações, fato que a credencia como uma importante referência sobre “Rural Resilience”. O artigo se dedica a estudar a resiliência rural de duas regiões no interior da Austrália. Usa como estratégia metodológica o estudo de caso, onde foram realizadas entrevistas com 115 agricultores destas regiões. Os autores destacam a importância do sentimento de pertencimento para a resiliência rural. Este parece ser um atributo fundamental da resiliência nas comunidades rurais estudadas. Mesmo com o declínio do número de agricultores no campo australiano, estes continuam a dar uma valiosa contribuição para o desenvolvimento econômico e para a vida social das comunidades rurais. Para os autores, a resiliência rural não pode estar baseada em um único fator, nem estar relacionada a questões econômicas ou questões sociais separadamente. Em vez disso, este trabalho sugere que a percepção da economia local, do meio ambiente e da comunidade estão inter-relacionadas e a resiliência é dependente dos três simultaneamente. Outro grande desafio apontado está na incorporação destes fatores nas políticas públicas destinadas aos territórios rurais da Austrália.

4 - Kasimis e Papadopoulos (2013): Estes autores são vinculados, respectivamente, ao Departamento de Economia Agrícola e Desenvolvimento Rural da Grécia e ao Departamento de Geografia da Universidade de Atenas - Grécia, e publicaram o artigo denominado “*Rural transformations and family farming in contemporary Greece*”, no “*Journals & Books - Research in Rural Sociology and Development*”. É um artigo recente e até o momento (novembro de 2014) ainda não foi citado por outros trabalhos. O artigo discute as características que marcam a Grécia rural. Nesta discussão, há um destaque especial para a crise econômica iniciada em 2008, sendo este o contexto em que se introduz a abordagem da resiliência rural. A estratégia metodológica adotada é qualitativa, baseada em dados secundários que ajudam a caracterizar as transformações na agricultura e no espaço rural da Grécia. Os autores trazem à tona uma série de mudanças ocorridas nos últimos 20 anos que transformaram a face da Grécia rural e criaram uma “nova ruralidade”. Esta nova ruralidade é caracterizada por contração da agricultura, expansão do turismo e da pluriatividade, aumento do emprego de mão-de-obra imigrante, migração para localidades rurais, e reorganização do trabalho familiar agrícola. Esses novos fatores refletiram na reformulação da agricultura familiar e das estruturas agrícolas no campo, tendo assim um impacto importante sobre a coesão social e a sustentabilidade de localidades rurais. Neste contexto, ocorre uma realocação da produção de alimentos, fato que não pode ser dissociado da capacidade de adaptação e sobrevivência das comunidades rurais. Ou seja, a capacidade de adaptação mostrada pelas famílias rurais no contexto da crise econômica grega é um reflexo da resiliência rural, e esta se configura em uma narrativa importante para as políticas e práticas de desenvolvimento rural. Os autores demonstram que no atual contexto de crise é o rural grego que tem dado as respostas mais positivas.

5 - Paniagua (2013): Este autor é vinculado ao “*Consejo Superior de Investigaciones Científicas*” da Espanha, e publicou o artigo denominado “*Farmers in remote rural areas: The worth of permanence in the place*”, na revista inglesa “*Land Use Policy*”. Até o momento (novembro de 2014) este artigo foi citado apenas uma vez. O objetivo do trabalho foi estudar os diferentes processos de adaptação adotados pelos agricultores que vivem em áreas rurais remotas, sendo estes resultados de decisões econômicas e não econômicas (morais). O estudo ocorre em duas áreas rurais da Espanha que sofreram processo de despovoamento. A metodologia usada foi qualitativa

através do uso de entrevistas. Como resultados o autor aponta que, em ambos os casos estudados, a permanência do agricultor no campo não é uma decisão claramente planejada a longo prazo, já que é fruto de um constante processo de adaptação a situações de incertezas e crises, e tem um elevado grau de individualidade na decisão tomada. Por mais que a maioria dos autores associem resiliência com a comunidade rural, neste trabalho, o foco foi no agricultor (olhar individual). Parte-se do princípio que os indivíduos de uma mesma comunidade reagem de forma diferente quando submetidos a processos de crise. A proposta é tentar discutir resiliência através de uma outra perspectiva, a individual.

6 - Scott (2013): Este autor é vinculado a “*University College Dublin*” – Irlanda/Reino Unido, e publicou o artigo denominado “*Resilience: A conceptual lens for rural studies?*”, na revista inglesa “*Geografia Compass*”. Até o momento (novembro de 2014) este artigo foi citado apenas por outras duas publicações. O baixo número de citações está ligado, principalmente, ao fato de ser uma publicação recente (setembro de 2013). Isto porque, este trabalho se caracteriza como uma promissora tentativa de discutir resiliência nos espaços rurais, afinal, procura analisar o conceito de resiliência e sua crescente aplicação nos estudos rurais. Apresenta um bom embasamento teórico, apresentando as duas abordagens mais importantes de resiliência, a de equilíbrio (este olhar está sustentado na “resiliência da engenharia”, a qual se concentra na estabilidade de um sistema perto de um equilíbrio ou estado estacionário, onde a resistência à perturbação e a velocidade de retorno para o equilíbrio pré-existente são usadas para determinar a resiliência) e a evolucionista (abordagem mais rica e promissora para entender como um território responde às perturbações e às crises ao longo de suas trajetórias de desenvolvimento, neste caso a ênfase está na capacidade de adaptação e transformação). O autor defende que a resiliência abre novas perspectivas e oferece o potencial para o reenquadramento do debate sobre o espaço rural. Além disso, aponta duas principais contribuições da resiliência para os estudos rurais. A primeira remete ao fato da resiliência oferecer métodos analíticos alternativos, para que se possa identificar atributos do lugar que permitam melhorar ou prejudicar a resiliência. Já a segunda, está ligada ao fato de fornecer subsídios para uma narrativa política alternativa para a prática do desenvolvimento rural. Isso inclui uma ênfase na governança em rede adaptativa, a incorporação de preocupações ecológicas sobre as práticas de desenvolvimento rural e uma chamada para mesclar o local e o global em processos de desenvolvimento rural. O artigo conclui apontando futuras direções de pesquisa para a resiliência rural.

7 - Harvey (2014): Este autor é vinculado ao “*Cairns and Hinterland Hospital and Health Service*” da Austrália, e publicou o artigo denominado “*Exploring women's experiences of health and well-being in remote Northwest Queensland, Australia*”, na revista inglesa “*Qualitative Health Research*”. O artigo ainda não conta com citações e foi publicado recentemente em uma revista da área da saúde, mesmo assim, aborda assuntos que são do interesse dos estudos rurais. O trabalho foi desenvolvido com mulheres que vivem em regiões rurais do interior da Austrália, e explorou o significado de saúde e bem-estar para as mesmas. A metodologia usada foi qualitativa, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas. A ideia de resiliência é introduzida no texto para dar suporte à discussão desenvolvida, e como era de se esperar, apresenta mais elementos da abordagem de resiliência discutida nas ciências da saúde do que da abordagem que vem sendo lapidada na área de desenvolvimento rural. Mesmo assim, os resultados descrevem um estado viável ideal de bem-estar, delineado por quatro dimensões inter-relacionadas: controle, conectividade, pertencimento e identidade. Essas dimensões também aparecem em outros trabalhos que tratam especificamente sobre resiliência rural e, portanto, configuram-se na principal contribuição deste trabalho para o tema de interesse.

8 - Steiner e Atterton (2014): Estes autores são vinculados a “*Scotland's Rural College - SRUC*” do Reino Unido, e publicaram o artigo denominado “*The contribution of rural businesses to community resilience*”, na revista inglesa “*Local Economy*”. Até o momento este artigo foi citado apenas uma vez, visto que, é uma publicação de maio de 2014 e, portanto, ainda muito recente. O artigo explora o papel das empresas do setor privado na construção da resiliência da Escócia rural.

Além disso, o trabalho busca identificar as alterações nas atividades empresariais rurais e seu impacto na vida rural. O documento é baseado em análise de dados secundários e em dois estudos de caso. Os dados secundários permitiram demonstrar como as empresas em áreas rurais contribuem para o desenvolvimento econômico e social das comunidades rurais e ajudam a ampliar a resiliência destas comunidades. Os autores demonstram que as empresas rurais têm uma participação cada vez maior na geração de empregos, na diversificação da economia local e, portanto, na ampliação da resiliência na Escócia rural. Os resultados identificam as mudanças nos padrões de emprego nas zonas rurais (como um crescente nível de empreendedorismo e de pluriatividade) que pode estar associado com a capacidade de se adaptar às mudanças dinâmicas no ambiente socioeconômico deste grupo. Já os dois estudos de caso ajudam a compreender melhor a forma como as empresas do setor privado contribuem para a resiliência social e ambiental da Escócia rural, identificando o papel que desempenham na promoção da qualidade de vida das pessoas que vivem em áreas rurais. Por conseguinte, o artigo faz uma contribuição substancial e original para o debate sobre a resiliência rural.

A análise desses oito artigos nos dá uma pequena amostra da diversidade de ideias e possibilidades que englobam a resiliência no estudo do espaço rural, embora, também permita identificar complementariedades e similaridades. Afinal, em maior ou menor grau, todos os trabalhos estão preocupados em ajudar a compreender os efeitos causados por um processo de crise no espaço rural e, como as comunidades locais atingidas têm reagido e se adaptado a estes contextos. A ideia de adaptação pode ser apontada como o principal fio condutor entre os trabalhos. Também chama a atenção o predomínio de estudos de caso, onde o uso de dados secundários e entrevistas se configuraram nas principais estratégias metodológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A resiliência rural é uma corrente teórica emergente, onde o principal enfoque está na capacidade adaptativa dos agricultores familiares e das comunidades rurais. Aparentemente o aumento da concorrência, a globalização e as mudanças ambientais, têm exigido dos agricultores familiares respostas adaptativas cada vez mais complexas, de maneira que, a melhor compreensão da resiliência desses sistemas pode significar um caminho promissor para auxiliar nas políticas de desenvolvimento rural. Os trabalhos produzidos sobre o tema até o momento apontam para a necessidade de valorizar toda a complexidade dos sistemas rurais, o que envolve desde o valor simbólico do espaço, as raízes familiares, até as relações de cumplicidade estabelecidas entre os membros da comunidade. Aparentemente, a resiliência poderia ser um elemento chave nas dinâmicas locais presentes nas comunidades rurais familiares e, como tal, estar contribuindo para que estas comunidades construam diferentes estratégias de reprodução social, respondendo de forma criativa às crises e às perturbações geradas num mundo globalizado. Ou seja, a ideia de resiliência propõe uma lente conceitual alternativa para pensar o desenvolvimento rural.

AGRADECIMENTOS

O primeiro autor agradece a CAPES pela concessão de bolsa de doutorado sanduíche que contribuiu para viabilizar este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADGER, N. Social and ecological resilience: are they related? **Progress in Human Geography**, v. 24, n. 3, p. 347–364, 2000.

- ALEXANDER, D. Resilience and disaster risk reduction: An etymological journey. **Natural Hazards and Earth System Sciences**, v.13, p. 2707–2716, 2013.
- ASHBY, J., et al. An International Perspective of Local Government as Steward of Local Economic Resilience. **Report by the Centre for Local Economic Strategies**: Manchester. 2009.
- BRISTOW, G. Resilient regions: re-‘place’ing regional competitiveness. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 153–167, 2010.
- CHRISTOPHERSONA, S.; MICHIEB, J. Y TYLERC, P. Regional resilience: theoretical and empirical Perspectives. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 3-10, 2010.
- COAFFEE, J.; MURKAMI-WOOD, D.; RODGERS, P. **The Everyday Resilience of the City: How Cities Respond to Terrorism and Disaster**. London: Palgrave Macmillan. 2008.
- EXTERCKOTER, R. K.; SILVA, C. A. da. **Resiliência rural: origem, evolução conceitual e principais desafios**. ENGA, 2014.
- FRANKLIN, A.; NEWTON, J.; MCENTEE, J. C. Moving beyond the alternative: Sustainable communities, rural resilience and the mainstreaming of local food. **Local Environment**, v. 16 (8), p. 771-788, 2011.
- GLOVER, J. Rural resilience through continued learning and innovation. **Local Economy**, v. 27, n. 4, p.355–372, 2012.
- HARVEY, D. Exploring women's experiences of health and well-being in remote Northwest Queensland, Australia. **Qualitative Health Research**, v. 24(5), p. 603-614, 2014.
- HILL, E. W., WIAL, H. e WOLMAN, H. Exploring Regional Economic Resilience. **Working Paper 2008-04**, Institute of Urban and Regional Development, Berkeley. 2008.
- HOLLING, C. S. Resilience and stability of ecological systems. **Annual Review of Ecology and Systematics**, v. 4, p. 1–23, 1973.
- HOPKINS, R. **The Transition Handbook: From Oil Dependency to Local Resilience**. Chelsea: **Green Books**. 2008.
- HUDSON, R. Resilient regions in an uncertain world: wishful thinking or a practical reality? **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 11-25, 2009.
- JANSSEN, M. A. et al. An update on the scholarly networks on resilience, vulnerability, and adaptation within the human dimensions of global environmental change. **Ecology and Society**, v. 12, n. 2, 2007.
- KASIMIS, C.; PAPADOPOULOS, A. G. Rural transformations and family farming in contemporary Greece. **Journals & Books - Research in Rural Sociology and Development**, v. 19, p. 263–293, 2013.
- MAGIS, K. Community Resilience: An Indicator of Social Sustainability. **Society & Natural Resources: An International Journal**, v. 23, n. 5, p. 401-416, 2010.
- MCMANUS, P. et al. Rural community and rural resilience: What is important to farmers in keeping their country towns alive? **Journal of Rural Studies**, v. 28, p. 20-29, 2012.
- MÉNDEZ, R. Ciudades y metáforas: sobre el concepto de resiliencia urbana. **Ciudad y Territorio: Estudios Territoriales**, v. 172, p. 215-231, 2012.

- MÉNDEZ, R. Estrategias de innovación para el desarrollo y la resiliencia de ciudades medias. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, 59 (3), 481-499, 2013.
- NORRIS, F. H. et al. Community Resilience as a Metaphor, Theory, Set of Capacities, and Strategy for Disaster Readiness. **American Journal of Community Psychology**, v. 4, p. 127-150, 2008.
- PANIAGUA, A. Farmers in remote rural areas: The worth of permanence in the place. **Land Use Policy**, v. 35, p. 1– 7, 2013.
- PENDALL, R.; FOSTER, K. A.; COWELL, M. Resilience and regions: building understanding of the metaphor. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 71-84, 2009.
- PIKE, A.; DAWLEY, S.; TOMANEY, J. Resilience, adaptation and adaptability. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, 3, 59-70, 2010.
- SANTOS, F. T. dos. Territórios resilientes enquanto orientação de planeamento. **Prospectiva e Planeamento**, v. 16, 2009.
- SCOTT, M. Resilience: A conceptual lens for rural studies? **Geography Compass**, v. 7/9, p. 597-610, 2013.
- SIMMIEA, J. Y MARTIN, R. L. The economic resilience of regions: towards an evolutionary approach. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 3, p. 27-43, 2010.
- SMITH, J. W. et al. Community Resilience in Southern Appalachia: A Theoretical Framework and Three Case Studies. **Human Ecology**, v. 40, p. 341–353, 2012.
- STEINER, A.; ATTERTON, J. The contribution of rural businesses to community resilience. **Local Economy**, v. 29(3), p. 228-244, 2014.
- WALKER, B. et al. Resilience, adaptability and transformability in social–ecological systems. **Ecology and Society**, v. 9, n. 2, 2004.